

# VIDA PAROQUIAL

Biblioteca Geral da Universidade  
de Coimbra

FIGUEIRÓ DOS VINHOS  
7.1.54  
VINHOS

Redacção  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS  
E CASTANHEIRA DE PERA

Director e Editor  
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redactor Principal  
P.º ARMÉNIO MARQUES

Composição e impressão  
GRÁFICA DE COIMBRA

## OS OUTROS

«Não julgueis para não serdes julgados», diz o Evangelho. E Jesus acrescenta que quem nos pode julgar é Deus e não os homens. De facto quantos erros se cometem até mesmo na administração da justiça humana. De quando em vez referem os jornais que este ou aquele, já retidos, há muito, nos cárceres, feitos pelos homens, foram libertos porque se provou a sua inocência. Mas quantas injustiças, de muito maior projecção, se cometem com a maledicência, a crítica, a calúnia, a mentira, o falar na vida alheia.

Há pessoas — todos nós as conhecemos — que parecem ter uma única preocupação no lidar do seu dia: a vida dos outros. Mas não se pense que tal cuidado vai de encontro à miséria, procurando resolver dificuldades, aplanar dúvidas, mitigar a fome ou lançar uma esperança nas almas.

De forma alguma. Foi qualquer atitude, um olhar, uma conversa, um gesto, um fato novo ou remendado, um automóvel que se comprou, um passeio efectuado, um namoro no começo ou já desfeito, um casamento a celebrar, uma nova criada, qualquer escândalo verdadeiro ou fictício. Tudo, tudo preocupa certa gente, que fala por sim e por não, que procura de todos os modos observar verdades e mentiras, deturpando até as mais santas intenções e esfacelando, por vezes, boas vontades.

São pessoas sem senso, nem preocupação de responsabilidade, que, afinal, vêem o mal nos outros, sem olharem para as suas maldades, procurando mesmo encobrir a sua vida suja com a podridão que atiram aos outros, ou, desejando ver nos outros a negrura que lhes vai na alma mal formada e o que é pior mal intencionada. Precisavam de ouvir aquele clarim do Evangelho: «Tu que vês o argueiro na vista dos outros, porque não olhas para a trave que encobre os teus?!»

Quem não tem defeitos?  
Quem não comete erros?

«O que está inocente que ati-

re a primeira pedra... lá diz o Evangelho.

Em vez da preocupação pelos outros, mas dessa preocupação de calúnia, de murmuração, de ódio, que haja o amor, a caridade, essa mistura magnífica de união a Deus e ao próximo, esse comunicar de almas e esse comungar de corações que, embora respeitando-se, se amam.

OS OUTROS são nossos irmãos, nossos amigos e merecem, pois, o respeito e a estima e se caírem que não sejamos nós a apedrejá-los, mas nós a luz, a força, o amparo que os erga.

O contrário é paganismo, é treva, é espírito derrotista.

E nós somos ou dizemo-nos ou vivemos num meio que se diz cristão. Os outros, repito, devem ser por nós amados e respeitados.

## Estatística do Clero Católico Espanhol

Em correspondência de Madrid, informa o *Osservatore Romano* que a Igreja católica na Espanha conta actualmente 22.087 sacerdotes diocesanos, dos quais 1.015 ordenados em 1953, e 7.493 sacerdotes regulares. A população total da Espanha é de 28.750.851 habitantes.

A Espanha tem ainda 17.205 religiosos professos e 63.267 irmãs.

Em 1925 o número de religiosos de ambos os sexos era de 55.581.

A república e a guerra civil causaram muitas perdas. Em 1951 a cifra relativa aos sacerdotes diocesanos elevava-se a 21.298. Só nos últimos dois anos ordenaram-se 2.011 novos sacerdotes.

## Pelo Mundo Católico

PIO XII RETOMOU A SUA ACTIVIDADE NORMAL. — Sua Santidade o Papa que como, é sabido, esteve muito doente, começou a receber na sua biblioteca particular, retomando assim as suas habituais actividades. É caso para nos alegrarmos.

ACTO HERÓICO. — A quando da visita de Tito à Grécia os católicos não embandeiraram as suas casas e Igrejas em sinal de protesto pelos ataques por ele feitos aos católicos da Jugoslávia.

NA ÁFRICA. — Nas missões africanas trabalham actualmente 9.417 sacerdotes — 1.443 indígenas e 7.974 estrangeiros. A Bélgica é a primeira nação a fornecer missionários para a África.

NA ALEMANHA. — Desde 1946 já se construíram, na Alemanha, 753 novos templos, o que representa duas igrejas por semana.

## ALEGRE E FESTIVAMENTE vai fazer-se na vila de

### CASTANHEIRA DE PERA

a festa de

### S. Domingos e Santo António

### com a Comunhão Solene das Crianças

#### PROGRAMA DA FESTA

Como era tradicional, este ano a festa vai fazer-se no dia 4, dia Litúrgico de S. Domingos. Espera-se que este dia seja em breve feriado municipal afim de facilitar a todos assistirem à festa. Este ano não o será ainda mas, nem por isso, devem deixar de se empregar todos os esforços para que o número de assistentes, aos actos do programa, seja grande.

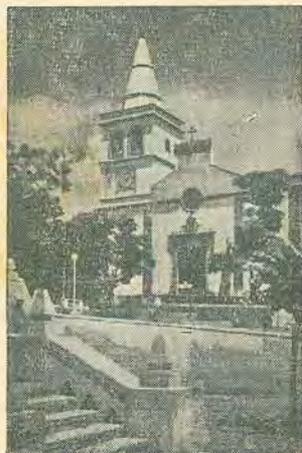
Também da tradição é, juntar-se à festa dos padroeiros a comunhão solene das crianças. Não é, porém lógico que as famílias faltem nesse dia, junto dos seus pequeninos. A sua presença é indispensável. Os pais, sobretudo, têm um lugar que ninguém mais poderá ocupar.

Lá se esperam pois.

(Continua na 4.ª página)



S. DOMINGOS



### A Festa do Corpo de Deus

Revestiu especial brilho a festa da Comunhão das crianças no dia do Corpo de Deus, 17 de Junho. Quer pelo número avultado de crianças — 385 — sendo 97 de comunhão solene, quer pela ordem que se notou em tudo, foi de facto um dia em cheio. As crianças e muitos fiéis — ao todo 621 — comungaram às 9 h. na missa dialogada.

Depois do almoço oferecido pela Confraria do S. Sacramento às crianças, seguiu-se a Missa e a Exposição Solene do S. Sacramento. Às 17 horas realizou-se a Soleníssima Procissão com Jesus Sacramentado, que passou pelas principais ruas da Vila e teve o concurso brilhante das Ex.<sup>mas</sup> Autoridades e a guarda de honra foi feita pela Legião Portuguesa — que já havia prestado os seus prestimosos serviços durante a Missa Solene — e pelos Bombeiros Voluntários. Por fim as crianças da Comunhão Solene prestaram o juramento de fidelidade e receberam várias lembranças.

Foi de facto uma grande festa.

«Vida Paroquial» agradece às Ex.<sup>mas</sup> Autoridades a sua amável presença, assim como à Legião Portuguesa e aos Bombeiros Voluntários e a todo o povo, não esquecendo o Grupo Coral, dirigido tão prestimosamente pela Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Adelfina Nunes, as Meninas que serviram à mesa das crianças, as catequistas, as Senhoras Professoras e a Confraria do S. Sacramento, pois todos merecem os maiores elogios e parabéns.

### Festa de S. João

S. João Baptista é o Padroeiro de Figueiró dos Vinhos e por isso devia a sua festa ser a principal da freguesia. Infelizmente tem-se perdido esse santo hábito de honrá-lo devidamente. Culpa de quem? Talvez de todos.

Havia, é certo, a comunhão solene nesse dia. Mas como sabem uma Comissão restau-

rou os festejos antigos, com arraial nocturno. Ora, nessas circunstâncias, não se podia realizar a comunhão dita. Mas será isso motivo para se não dar brilho religioso a essa festa de tantas centenas de anos? Porque não se guarda esse dia como dia Santo de Guarda da freguesia?! Porque não se vem à Missa Solene, ao Sermão e à Procissão?

Apesar de tudo as coisas não correram mal e o belo sermão do Sr. P.<sup>o</sup> José Ramiro Gaspar, pároco de Cumeada, Sertã, agradou a todos. O fogo preso do Sr. Nunes do Carapinhhal foi do melhor que temos visto e, uma consolação nos resta, é que tudo decorreu em ordem e de que ainda há figueirenses com alma e com amor à sua terra. Ainda houve

quem enfeitasse ruas, merecendo especial referência o Senhor Gustavo. E vamos a ver, se, no próximo ano se poderá fazer mais e melhor, o que esperamos.

### S. António das Bairradas

Esta festa tão interessante, no aprazível local das Bairradas, e que se realizou no dia 13 de Junho, decorreu com animação e ordem pelo que estão de parabéns os seus mordomos.

### S. Pedro

A Ribeira de S. Pedro tem todos os anos a sua festa na capela deste Santo e que decorre sempre com entusiasmo e ordem. Este ano com o arranjo levado a efeito na capelinha, tudo contribuiu para maior brilho e por isso são de

louvar os festeiros Srs. Anibal da Conceição Santos e António Costa.

### S.<sup>a</sup> Madre de Deus

Na sua capelinha, ali a seguir à Fonte das Freiras, num dos locais mais belos da Vila, teve lugar, no dia 6 de Junho esta festa tão antiga, a que não faltou a tradicional fogueira. Aos seus mordomos, Srs. Manuel Canário e João Lima, os nosso parabéns. Não podemos deixar de agradecer ao nosso querido assinante, residente em África, Sr. Adelino de Oliveira Canário, as suas ofertas tão gentis e tão valiosas para a Capela da S.<sup>a</sup> Madre de Deus. «Vida Paroquial» agradece-lhe e deseja-lhe muitas felicidades, assim como para sua família, residente nesta Vila.

## OBJECTOS DO CULTO

Ao falarmos em objectos do culto, impõe-se fazermos a sua classificação e referir, resumidamente, ao que cada um se destina. E assim, temos: vasos, panos e paramentos litúrgicos.

Os vasos litúrgicos agrupam-se em três espécies. Primeiro — os consagrados: cálice e patena. Segundo — os bentos: cibório, ostensório e custódia. Terceiro — vasos não consagrados nem bentos: galhetas, turbulo, naveta, caldeirinha, hissope, campainha, o instrumento de paz ou osculatório e o vaso de abluções.

O cálice, no que diz respeito à forma e à substância, variou de época para época.

Primeiro, enquanto vigorou o uso da comunhão debaixo das duas espécies, era grande e com azelhas que facilitavam o transporte. Tinha aquelas dimensões por causa do avultado número de comungantes.

Mais tarde o seu tamanho foi reduzido e as azelhas suprimidas.

Quanto à substância, usaram-se de madeira, mármore, ágata, cobre, estanho e com mais frequência de vidro, cristal, ouro ou prata.

A patena foi antigamente um prato grande onde os fiéis depositavam os pães para serem consagrados. Hoje é de tamanho muito menor, proporcionado à copa do cálice, que ela deve cobrir.

Só o Bispo tem poderes para fazer a consagração destes dois objectos do culto.

Também o cibório, vaso que encerra as hóstias consagradas, não teve sempre a mesma forma que agora apresenta, de copa fechada por tampa que se remove.

Podendo em recuados tempos ser de vidro ou madeira, exigiu-se agora que seja de ouro ou prata dourada no interior. A sua cobertura com um véu de pano precioso, lembra aos fiéis a presença de um soberano. A sua bênção pertence também ao Bispo ou seu representante.

O ostensório ou custódia é uma peça de joalharia, suficientemente alta, para poder ser vista pelos fiéis, destinando-se a nela ser introduzida uma espécie de scrinio anular, de ouro ou prata, contendo a hóstia consagrada para adoração.

Desde o Séc. XVI que tem a forma de Sol irradiando, tendo anteriormente a forma de esfera ou de torre.

O ostensório não era conhecido nos primórdios do Cristianismo. Este modo de apresentar o Santíssimo Sacramento à veneração e ao culto dos povos, foi imaginado para protesto e desagravo contra as heresias que impugnaram o dogma da presença Real.

Os panos bentos são: o corporal, a pala e as toalhas do altar.

O corporal, que deve ser fei-

to de cânhamo ou linho e sem bordados, é o pano sagrado que o sacerdote desdobra sobre o altar para depositar a hóstia no cálice.

A pala, cujo uso não remonta além do Séc. XIII, serve para cobrir o cálice e é de forma quadrada. Dantes, era o corporal, do tamanho de uma toalha de altar, que se dobrava por cima do cálice. Para facilitar a execução dos ritos, diminuíram as dimensões do corporal e adoptaram a pala. Também os panos bentos, são benzidos pelo Bispo ou seu representante.

Panos não bentos, temos: o sanguinho, que o celebrante aproveita para enxugar o cálice, os lábios e os dedos depois da comunhão; o manustérgio, que o padre utiliza no lavabo para enxugar os dedos; a toalha da comunhão; o conopéu; o véu do cálice; a bolsa e o véu humeral, com que o sub-diácono envolve a patena na missa solene e também se usa nas procissões e bênçãos do Santíssimo.

Não é permitido entregar a leigos, nem mesmo a religiosos, sanguinhos, palas e corporais, que serviram ao sacrifício da missa, para serem lavados. Cumprir que um clérigo de ordens maiores os passe primeiro por água, que será atirada à piscina ou ao fogo na falta daquela.

Durante os primeiros séculos, em nada diferia o vestir dos

(Continua na 3.<sup>a</sup> página)

# OBJECTOS DO CULTO

(Continuado da 2.ª pág.)

eclesiásticos do dos leigos. Havendo tantas perseguições religiosas, impunha-se que evitassem quaisquer distintivos que pudessem chamar a atenção pública ou do governo.

Os homens dessas épocas seguiam duas modas principais: a túnica com mangas ou sem mangas, ou a toga. Os trajes das mulheres eram mais ou menos iguais, com a túnica em melhor fazenda e com enfeites. No Séc. VI houve na vestimenta dos leigos uma transformação completa. Os romanos escolheram o terno curto (sagum) dos bárbaros, a quem estavam sujeitos. A igreja não. O uso da roupa talar não é inovação da Igreja, mas sim o resultado deste facto histórico: os romanos vencidos seguiram o trajar dos vencedores, enquanto os clérigos mantiveram o dos antepassados.

Os paramentos litúrgicos que o padre reveste para celebrar são: o amicto, a alva, o singulo, o manipulo, a estola e a casula.

O amicto é um pano, cobrindo o pescoço e os ombros, pois julgou-se mais decente que o sacerdote celebrasse assim, acrescentando também a esta razão o motivo de utilidade nos países frios. No princípio o amicto envolvia a cabeça toda e atirava-se para trás unicamente nos momentos mais solenes da missa.

Na sua origem, a alva era a túnica de que já falámos. Essa túnica passou a ser distintivo dos clérigos e pouco a pouco reservaram-na para as funções do altar, adornando-a na parte inferior e nas mangas com bordados e rendas.

A alva, diz São Tomaz, representa o vestido que puzeram a Nosso Senhor, por escárneo, no tribunal de Herodes. Sua alvura é símbolo de inocência.

Singulo é o cordão que segura a túnica para que esta não roce no chão. O singulo que envolve os rins, é sinal de castidade. Também recorda os vínculos que acorrentaram Nosso Senhor no horto de Gethsémani e os açoites da flagelação.

No seu princípio o manipulo era o pano ou lenço com que se limpava o suor do rosto ou das mãos. Na vida particular era usado por todo o mundo. Os eclesiásticos também o usavam durante as celebrações. Traziam-no, uns e outros, segundo a praxe, no braço esquerdo, para o direito ficar desempeido. Quando os bordados e as rendas o transformaram em objecto de luxo, tornou-se paramento litúrgico. O manipulo

lembra ao padre a servidão, livremente preferida, para a glória de Deus e salvação das almas.

A estola era, entre os romanos, vestido comprido parecido com a túnica, usado pelas matronas afortunadas e também por alguns imperadores. Eclesiásticos e leigos vestiram-na a princípio como hábito de gala e depois guardaram dele unicamente a borda rica a que hoje chamamos estola. Feita paramento litúrgico, no Séc. VI, a estola ficou reservada aos Bispos, aos padres e aos diáconos. Hoje é privilégio do Sumo Pontífice, exclusivamente, como emblema da sua jurisdição universal. Os Bispos, sacerdotes e diáconos, usam-na só na missa, mas bênçãos e para administrar os sacramentos. Colocada em volta do pescoço, simboliza o jugo do Senhor, que o padre tem de levar com coragem.

A casula, deriva o seu nome do latim, significando *casa pequena*. Antigamente era de largas dimensões, envolvendo totalmente o sacerdote, como que a obrigá-lo. Representa também o jugo do Senhor e a caridade que o padre deve possuir para Deus e para as almas.

Os paramentos antigamente eram de uma única cor: a branca, que é o símbolo da alegria e da pureza. A partir do Séc. XII, vemos admitidas mais quatro cores: a vermelha, simbolizando o fogo da caridade e do amor divino; o verde, que é o sinal da esperança; a violeta, que significa tristeza e mortificação e o preto que indica luto.

Na disciplina antiga da Igreja, o padre não tinha o direito de subir ao altar com calçado comum. Os Bispos conservaram este uso, utilizando chinelos bordados a ouro.

Finalmente, tendo falado sobre vasos do culto, panos e paramentos litúrgicos, vemos que, apesar da humildade de Nosso Senhor, tudo o que invoca, nas cerimónias religiosas, é feito dos mais raros e nobres metais e dos mais belos e ricos tecidos. Mas tudo isso, afinal, outro significado não tem do que o reconhecimento da extraordinária grandeza do Criador, relativamente a quem, nós, seus humildes servos, por lhe ofertarmos o que temos de melhor, ficamos infinitamente longe de prestarmos à sua divindade as honras devidas ao Rei dos Reis.

Margarida de Quental Calheira  
Ferreira

# Tristezas para quê?

## Tristezas

não paga m

dívidas...



Que calor! Parece que tudo rachou com tal canícula. Como sabem bem as sombras fagueiras das árvores... A sombra benéfica lê, leitor amigo, esta prosa. Mas cuidado não te caia na testa algum fruto já peço que te possa aumentar o volume da careca embranquecida pelas neves do tempo.

## BOA PIADA

O velho estava na última doença e era inútil esconder-lhe a verdade.

— O senhor está muito doente — diz-lhe o doutor — e não há nada que eu possa fazer. Creio ser oportuno dizer-lhe como estão as coisas. Querá o senhor ver alguém?

Débilmente, o doente condescendeu com um sinal de cabeça e disse com uma voz apenas perceptível:

— Sim, senhor, queria ver um outro doutor!

## A ÚLTIMA CARRUAGEM

— Ouviste falar do desastre ferroviário que aconteceu?

— Não...

— Foi um vagão que se desengatou do resto do combóio e descarrilou.

— Morreu alguém?

— Felizmente não: mas os dirigen-

tes tomaram já as medidas necessárias...

— Então?...

— ... Decidiram não atrelar jamais o último vagão aos combóios!...

## EDUCAÇÃO MODERNA

— Doutor — diz a mãe — já se acabou o frasco do remédio que ontem fui comprar.

— Tão depressa? — exclamou o doutor — num só dia!

— O senhor sabe: para que o menino o tomasse foi preciso que o tomasse eu, o meu marido, o tio, a tia, a avó, um meu primo e a mulher a dias...

## ADIVINHAS

1 — Que é que tem picão e não é pe-dreiro.

Tem serra e não é carpinteiro.

Rapa no chão e não acha dinheiro?

2 — Que é que se come antes de nascer e depois de morrer?

3 — Qual é a ilha portuguesa que voa?

Solução das anteriores:

1 — Luar. 2 — A.

Nota bem — A quem responder com acerto às adivinhas deste número vamos proporcionar o sorteio de um livro de contos. Esperam-se, pois, respostas em postal até ao fim do mês.

## Conversando

### contigo... Rapaz

*Encontras-te na vida e podes dizer-me, rapaz, homem de amanhã, o que pensas dessa vida?*

*Será ela apenas um sonho, uma viração que passa, uma flor que cai, um grito que se extingue; ou será alguma coisa de mais belo, de mais alto, de mais heróico, de mais amplitude?!*

*Há, de facto, na vida, sonhos que se esfumam, flores que murcham, pedaços que se esbo-roam. Mas a vida não é só isso.*

*Ela tem raízes fundas nas realidades superiores, tem ali-cerce na eternidade.*

*Vida sem Deus, sem alma, é vida sem brilho, é terra sem humus, é mar sem farol, é noite sem estrelas.*

*Rapaz, com o sangue quente e generoso nas veias, foste criado para coisas superiores,*

## Salvo pela Bíblia

### um soldado americano

Um soldado da aviação americana, James Chonco, actualmente em Wiesbaden, deve a vida à Bíblia que trazia sobre o peito no momento da explosão accidental de uma granada durante as recentes manobras na Alemanha.

Um estilhaço atravessou-lhe o uniforme e instalou-se no vultume, precisamente no IV capítulo do Evangelho de S. João onde se lê que Jesus disse: «Vai, teu filho vive».

*nasceste com o sinal + na frente.*

*Não te percas no vício, na desvergonha, não chafurdes, sê grande, sê heróico, prepara-te para ser homem digno, sério, honesto, generoso e justo.*

AVÓ SEM BARBAS

No próximo mês de Agosto não se publica «Vida Paroquial», por motivo de férias.



# Castanheira de Pera

JULHO DE 1954

## Festa a S. Domingos e Santo António com a Comunhão Solene das Crianças

(Continuado da 1.ª pág.)

O programa será este:

Às 8,30—Organização do cortejo das crianças junto da casa do Sr. Padre José Henriques do Nascimento.

Às 9—Entrada na Igreja, renovação das promessas do baptismo, missa, ofertório solene e comunhão solene das crianças.

Às 10,30—Primeiro almoço.

Às 11,30—Cortejo de fogaças.

Às 12—Missa e sermão.

Às 13,30—Almoço às crianças.

Às 15—Abertura da quermesse e arrematação de fogaças.

Às 16,30—Organização da procissão.

### S. Domingos

S. Domingos! Aproxima-se o dia 4 de Agosto em que Castanheira de Pera vai honrar S. Domingos e Santo António seus padroeiros. S. Domingos ficou na história da Igreja escrito a letras de ouro por dois notáveis acontecimentos, um sobretudo, de grande projecção. Este foi a vitória cristã sobre os albigenses obtida através do Rosário de Nossa Senhora. Quando a nefasta onda ameaçava submergir a cristandade, gastando-a em lutas improficuas, a Virgem Santíssima apareceu a S. Domingos e disse-lhe que pregasse a devoção ao seu Rosário. S. Domingos assim o fez. E para que a sua voz se estendesse mais longe, fundou a Ordem dos Pregadores, levando assim, a outras terras, na voz dos seus filhos espirituais, a mensagem de restauro pelo Rosário. E logo começou a extinguir-se a heresia que tanto fizera tremer a Igreja de Cristo.

Puro e fiel ao mandamento de Deus, foi, sempre, grande defensor da pureza. Foi outra das suas grandes campanhas na Ordem que fundou. Por isso S. Domingos mereceu da Santa Igreja honras especiais que só são concedidas aos grandes taumaturgos da fé.

### Santo António

Ao seu lado puseram os castanheirenses o glorioso Santo António de Lisboa. Não há

muitos anos que o Vigário de Cristo o proclamou Doutor da Igreja universal, tal a profundidade do seu saber e grandeza da sua virtude. Escondido sob o burel de Franciscano Santo António de Lisboa, foi um dos grandes entre os que se elevaram acima da craveira comum na santidade. A sua fé era sem limites! A sua inteligência profunda levou-o a descobrir os argumentos precisos para fazer unír o orgulhoso erro em que se laborava ao tempo. Indo para Pádua ali fez campo de luta, ali surzindo as aberrações que afastavam da fé os espíritos tímidos, incapazes de reagir. E o calor da sua fé foi tal, tão grande o desejo de iluminar os homens mergulhados nas trevas do erro, que Deus não duvidou conceder-lhe o estupendo milagre de fazer ajoelhar um ser bruto diante da Hóstia Eucarística.

Habituosos a olhar Santo António de Lisboa através dum prisma de certo modo deformador, poucos têm meditado na grandeza da sua alma pura, arauto angélico de Deus. É este, porém, o lugar de tão grande santo: alto, sentado muito acima de tantos que, desde sempre, foram uns mediocres no cumprimento dos seus deveres cristãos.

### Como há-de ser a festa

Que os castanheirenses saibam, na verdade, imitar as virtudes dos seus padroeiros. Foi para isso que eles foram escolhidos para essa missão. Um orago, um patrono não é um qualquer que dá motivo a uma festa anual para gáudio do povo e abuso de bebericas. Não! Ouçam-no bem: Não! Os santos padroeiros têm, sim, a sua festa e a sua festa alegre com música, foguetes a esturgir nos ares, e até mesmo com ranchos alegres de gente moça a cantar num culto à arte e à beleza. Mas isso é a parte menos importante da festa.

A festa é a missa, esse acto litúrgico que se eleva acima de tudo o que pôde fazer-se na terra, a oração perfeita a Deus; e o sermão em que o pregador

procura expor as virtudes do santo para modelo daqueles que vivem sob o seu patrocínio. Isto é a festa dos padroeiros, isto deve ser a festa de S. Domingos.

### Apelo final

E foi sempre assim, desde que os homens escolheram os primeiros patronos. Tem de voltar a ser assim. Aos senhores, às senhoras, às filiadas dos organismos católicos da freguesia e a quantos vivem à volta do seu chefe espiritual e frequentam a Igreja, compete dar o exemplo. E o primeiro exemplo.

Tem de se acabar de vez com essa razão que têm certos cató-

licos que só são católicos quando lhes convém ou não prejudicam a sua vida com o cumprimento das obrigações religiosas, a razão, repito, que têm quando dizem que os católicos são os piores.

Ponham aqui os olhos todos e vejam se há ou não muitas vezes razões para certos reparos. Pois bem: vem a festa de S. Domingos e Santo António; medite-se um pouco na vida de ambos, nas suas virtudes e, de olhos postos nos que procuram em nós um deslize para ataque da fé, endireitemos o nosso caminho de cristãos, procedamos como convém à nossa posição de católicos e ao prestígio da Igreja de Cristo.

A. B.

## CATECISMO

27.ª Lição

### O Pai Nosso

Sabeis de cor o «Pai Nosso». Na lição explicar-se-á o sentido das palavras que o compõem. Foi-nos ensinado por Jesus, o Filho de Deus que se fez homem. Um dia, Nosso Senhor falava da oração aos discípulos e dizia-lhes: «Quando rezardes, entrai no vosso quarto e, tendo fechado a porta, rezai a vosso Pai que está nesse lugar secreto e vos vê... Não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos que imaginam ser ouvidos à força de palavras. Não vos assemelheis a eles, porque vosso Pai sabe do que tendes necessidade, antes de lho pedirdes. Rezai assim: Pai nosso, que estais no Céu, santificado seja o vosso Nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal. Amen».

E Jesus diz ainda, para explicar o que havia dito: «Por-

que se perdoais aos homens as suas ofensas, vosso Pai celeste vos perdoará também. Mas se não perdoais, também vosso Pai celeste vos não perdoará».

Os apóstolos aprenderam esta oração; escreveram-na no Evangelho e todos os cristãos a repetem há vinte séculos.

### LIÇÃO

- 1—Qual é a melhor oração? É o «Pai Nosso» que o próprio Jesus nos ensinou.
- 2—Porque damos a Deus o nome de Pai?

Porque Deus nos criou à sua imagem e nos adoptou como filhos no Baptismo.

Nota: 1.º—Dizemos «Nosso Pai» e não «Meu Pai» porque, sendo todos filhos de Deus, somos todos irmãos.

2.º—O «Pai Nosso» contém 7 pedidos:

Nos três primeiros pedimos a Deus que Ele seja conhecido, adorado, obedecendo na terra como no Céu.

Nos quatro últimos pedimos a Deus o pão do corpo e o pão da alma, o perdão dos pecados, a força contra as tentações e a libertação de todo o mal.